

E o SLU explica o inexplicável

SYLVIO GUEDES
Editor de Cidade

Em tom de desajeitada mea culpa, um press-release divulgado ontem pelo Governo do Distrito Federal apresenta uma entrevista com o superintendente do Serviço de Limpeza Urbana (SLU), Gesner Tomé, onde ele, entre outras pérolas, afirma que o GDF só recebeu a usina de tratamento de lixo da Ceilândia "provisoriamente", garantindo que a entrega definitiva da obra ainda não ocorreu.

Ora, a declaração do superintendente da SLU apenas reafirma as denúncias que têm sido feitas pelo **CORREIO BRAZILIENSE** sobre a completa e inexplicável inoperância da usina, comprada a um custo estimado em US\$ 10 milhões, evidentemente pagos pelo contribuinte. Mas, se não me trai a memória, nós podemos testemunhar, há tempos, uma pomposa cerimônia onde a usina era inaugurada, cabendo novamente ao GDF a tarefa de divulgar amplamente os benefícios de sua entrada em operação.

Gesner Tomé, ainda conforme a matéria jornalística produzida pelo GDF, afirma que, "até onde o SLU apurou, o maior problema da usina foi a aprovação de um projeto que não levou em conta o tipo de lixo recolhido e processado em Brasília". Este "pequeno" deslize do Governo, em se tratando justamente de uma usina de lixo, coloca bem clara a incrível vocação esta para

o fracasso na área empresarial.

Autorizar-se o projeto de construção de uma usina que não se encaixa ao tipo de lixo que teoricamente deveria processar e tratar é, numa comparação simples, o mesmo que construir uma maternidade dentro de um mosteiro de beneditinos. E, diga-se, um equívoco destas proporções em países mais zelosos pelo destino do dinheiro público seguramente resultaria em grande escândalo, inquéritos, processos, demissões e outras punições aos responsáveis.

Mais uma vez, é o próprio Tomé quem se encarrega de assumir publicamente a descomunal inépcia administrativa, ao relatar que a usina não operou seguidamente, após um breve período de três meses produtivos, porque as peças que compõem seu maquinário, não sendo adequadas ao lixo da Ceilândia, quebravam constantemente, provocando interrupções que duravam alguns dias.

No total, a usina operou 1 mil 200 horas, muito pouco para uma obra, aprovada e liberada pela Caesb no segundo semestre de 1983 (portanto, no Governo Ornellas), que tinha pretensões nada modestas. Os resultados desastrosos não podem cair no esquecimento. Mesmo porque, como se sabe, grande parte do orçamento do GDF é abastecido com recursos da União — leia-se, de todos os brasileiros que pagam impostos.